

Ted talks - o guia oficial do ted para falar em público

Chris ANDERSON ¹

Alessandra Alves Pereira Braga de Miranda

Resenhar o livro *TED TALKS - O guia oficial do TED para falar em público*, escrito por Chris Anderson, nos impele a ir além das discussões a respeito da relevância das técnicas compartilhadas ao longo da obra para uma apresentação de excelência. Antes, invoca-nos a olhar para o contexto atual que motiva a publicação de livros como esse e refletir a respeito da complexidade da atividade de falar em público, considerada por um significativo número de pessoas um desafio.

Uma pesquisa² do jornal inglês *Sunday Times* pediu a três mil pessoas que hierarquizassem os seus maiores medos. De acordo com o resultado, 41% dos entrevistados tinham medo de falar em público. A este, seguiam-se outros medos, como problemas financeiros (22%), receio de doenças e morte (19%).

O fato é que muitas pessoas têm mais medo de fazer uma apresentação em público do que de morrer ou ficar sem dinheiro. Talvez porque cada indivíduo, em algum momento, é juiz da qualidade de seu próprio uso da linguagem com base em critérios externos e também no medo do julgamento que pressupomos que o outro faça de nós, ou seja, o que eu falo é bonito, adequado, “politicamente correto”? Qual imagem eu projeto enquanto falo? Há

¹ *TED Talks: o guia oficial do TED para falar em público*. Autor: Chris Anderson. Tradução: Donaldson Garschagen e Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. Livro de 240 pp. ISBN 978.85. 805.7935-2.

² Pesquisa divulgada em reportagem da *Revista Época*. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/vida-util/carreira/noticia/2013/10/dicas-para-bfalar-bemb-em-publico.html>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

muito em jogo quando falamos em público (Schwartz; Durrive, 2010, p. 165).

De certo a valorização do ato de fazer uma apresentação torna o terreno fértil para livros como este, e, claro, para a reverberação de palestras como as do TED, conferência global que, em 2012, alcançou 1 bilhão de visualizações por conta dos vídeos das palestras publicadas no site oficial da instituição. TED é a sigla em inglês para *Technology, Entertainment, Design* (*Tecnologia, Entretenimento, Design*) e se tornou popular em várias partes do mundo após 2006, quando a primeira palestra foi publicada na internet. Hoje, há mais de duas mil palestras disponíveis no site ted.com, traduzidas para 97 línguas, e que são compartilhadas todos os dias no site oficial e também pelas redes sociais. Tais palestras abordam assuntos relacionados a física, psicologia, liderança, histórias de vida de pessoas anônimas e celebridades, além de questões globais.

No guia do palestrante TED, Chris Anderson se recusa a dizer que estabelece regras que prescrevem uma forma única de falar em público, em lugar disso, prefere afirmar que são conselhos. Assim, compartilha várias “ferramentas” para auxiliar indivíduos em situações de apresentação a desenvolverem uma comunicação efetiva.

Logo na introdução, o autor evidencia o poder da habilidade de falar em público e contar histórias desde os primórdios da humanidade. Explica que vivemos atualmente a nova era do fogo, pois, enquanto nossos ancestrais reuniam-se em torno da fogueira para compartilhar as aventuras e experiências de vida, de modo semelhante o fazemos hoje, com a diferença de que a “fogueira contemporânea” é a internet, ambiente onde todos se reúnem à procura de informações e muitos em busca de projeção pessoal.

Em uma breve síntese, podemos dizer que o livro se divide em dois grandes blocos: fundamentos e técnicas. No primeiro, aborda o que considera a base para uma apresentação de alto nível e destaca o poder da linguagem, definindo-a como uma “tecnologia” criada pelo homem para que possamos recriar as ideias que quisermos na mente das pessoas. Além disso, evidencia quais são as principais armadilhas na hora de fazer uma apresentação e que podem sabotar a comunicação, como exemplo, cita que fazer autopromoção em meio a

uma palestra do TED pode desqualificar o apresentador perante a audiência.

Podemos resumir o segundo bloco como a apresentação das ferramentas para sermos capazes de “instalar” uma ideia na mente de alguém; dentre elas estão: roteiro da palestra, técnicas para gerar empatia, cuidados com a comunicação não-verbal, importância de olhar para a audiência, processo de preparação dos slides, ensaio do apresentador e, inclusive, figurino mais apropriado.

O livro é permeado por inúmeros exemplos do que fazer e do que evitar, com análises de apresentações feitas nas conferências TED ao longo de sua história. Além disso, expõe conceitos de um modo muito didático, quase simplista em alguns casos, como quando explica que retórica é “a arte de falar com eficácia”, e deixa de lado todas as nuances das perspectivas de Aristóteles e Perelman.

Chris Anderson, de fato, oferece conselhos que podemos considerar pela perspectiva ergológica² como normas para guiar aqueles que querem transformar-se em palestrantes de sucesso ou apenas fazer apresentações em seu dia a dia de trabalho de modo eficaz. As normas são a maneira historicamente instituída do profissional executar sua atividade de trabalho e também o modo de fazer que é formalmente valorizado por se tratar de uma escolha determinada por questões que compõem o contexto em que o indivíduo se insere.

Acreditamos que, de fato, as normas podem ser úteis à medida que servem de ponto de partida ou fonte balizadora para o indivíduo no seu intuito de fazer uma apresentação ou palestra, no entanto, sabemos que ela se limita a ser um direcionamento pré-estabelecido aos leitores e que cada indivíduo acabará por produzir suas “próprias normas” ao exercer a atividade de falar em público. Isso porque norma e iniciativa humana são inseparáveis, pois não só faz parte do ser humano se antecipar às situações de trabalho, como é essencial que exista esta iniciativa, já que o meio é sempre infiel, ou seja, é impossível prever todas as possibilidades de variações que podem ocorrer em uma situação de apresentação. O apresentador, por exemplo, pode estar rouco no dia do evento, o espaço planejado pode ter sido trocado por um ambiente menor, o equipamento pode

simplesmente parar de funcionar, o tema a ser compartilhado pode gerar desconforto ao orador e causar um conflito interno de valores que o influenciará em seu desempenho: tudo isso o impelirá a renormalizar, ou seja, fazer suas próprias adequações diante da atividade de falar em público.

O meio é infiel, ou seja, o público, o ambiente, o assunto, o estilo do apresentador, o objetivo, o contexto sócio-histórico, as experiências de vida do indivíduo que fala e seu interlocutor são elementos que recriam condições e sentidos ao que é dito, portanto, é importante evidenciar que a real eficácia da comunicação está no requinte da análise das situações de trabalho em que o indivíduo se insere e na adequação que ele é capaz de fazer. Mais do que conhecer as técnicas e as aplicar, é parte natural da atividade de trabalho renormalizar.

Trazendo tais reflexões para a realidade da nossa própria atividade de trabalho como consultoria de comunicação no preparo de executivos para fazer apresentações e palestrantes profissionais para aprimorar seu desempenho, buscamos nos treinamentos extrapolar a teoria e permitir que cada indivíduo coloque em prática as técnicas compartilhadas e desenvolva, paulatinamente, seu próprio estilo como apresentador, respeitando tudo que engendra aquele profissional (experiências anteriores, valores, questões emocionais, conhecimento técnico, contexto em que se insere).

Cada indivíduo precisa ser considerado único e, à medida que o orientamos, oferecemos caminhos para que ele adquira uma melhor consciência de si mesmo e faça adequações das técnicas de acordo com suas experiências de falar em público, para, assim, transformar-se em sua própria melhor versão como comunicador.

Em uma sessão, uma cliente que atua no mercado financeiro e tem por atividade de lazer nadar compartilhou conosco sua visão a respeito da atividade de falar em público e a comparou com a natação. Na perspectiva dela, não adiantava ser a mais alta ou a mais forte, era preciso ter técnica e concentração na hora de nadar e participar das disputas. Ela acreditava que os prescritos, ou seja, movimentos precisos dos braços, sincronia com as pernas, controle da respiração, concentração no momento da largada, tudo contribuiria e muito para a

melhoria de sua performance, mas era preciso que o corpo dela inteiro se adaptasse ao aplicar a metodologia compartilhada pelo treinador e fosse aos poucos assimilando tais movimentos e nuances para, ao mesmo tempo, conseguir exercer cada parte complexa de tal tarefa, e, assim, alcançar a excelência como nadadora. Para ela, falar bem em público era como praticar natação, as técnicas abriram seus olhos para pontos a que ela deveria atentar para alcançar mais rápido uma comunicação efetiva, mas foi preciso o apoio profissional para assimilar as técnicas, conscientizá-la, para assim, poder adaptar-se e encontrar seu próprio estilo como comunicadora. Podemos dizer que ela identificou a complexidade que envolve a atividade de fazer uma apresentação, que engloba muitas nuances e, de fato, o uso do corpo-si passando pela inconsciência para chegar ao aprendizado, eu diria feliz, do próprio corpo.

Quando falamos em comunicar efetivamente, sabemos que isso não depende apenas do cumprimento de regras, mas, significa, antes de tudo, (Schwartz; Durrive, 2010, p. 167) reconstruir, ainda que em parte, em conjunto com os interlocutores, o sentido em que se pretende empregar as palavras. Por isso, quando Chris Anderson se propõe a “instalar” ideias na mente de outras pessoas, vemos aí uma certa ingenuidade ou, o que seria pior, um subestimar da audiência em detrimento do apresentador, à medida que a comunicação é construída em conjunto com o público- neste caso, uma audiência crítica e seleta.

Estamos considerando aqui o público presencial das conferências TED, que pode ser definido como um grupo vanguardista, intelectual e crítico, que será inclusive quem dará o crivo ao palestrante que expõe suas ideias no palco. A validação por parte da audiência se dá por meio de palmas, risos, silêncio absoluto demonstrando atenção ao que é dito e, em alguns casos, aplausos de pé do público. O oposto também acontece, como no exemplo mencionado pelo próprio Chris Anderson a respeito de palestras que nem chegaram a ser publicadas no site porque foram desqualificadas e criticadas pelo público presencial.

Enfim, é preciso que cada leitor vá além de ler e aplicar os conselhos do livro, é preciso que descubra sua própria versão como comunicador eficaz para tornar-se um apresentador de excelência observando tudo que tal atividade envolve e tendo a consciência de

que é muito mais complexa do que os ditames do guia de Chris Anderson. Aliás, de certo modo, ele superestima as palestras TED e chega a dizer que uma palestra é mais eficaz do que qualquer texto escrito, o que nos faz pensar o que o motivou então a escrever esse livro e não optar por fazer uma palestra para divulgar suas ideias.

Ironias a parte, o modo como nos comunicamos, as palavras que escolhemos, os gestos, o tom de voz, a expressão facial, a conexão com a audiência, todos esses elementos revelam muito sobre as relações que queremos estabelecer ou que temos construídas com o outro, portanto, a linguagem como atividade fica ainda mais evidenciada quando falamos em público em uma reunião de trabalho, por exemplo. Em uma situação de trabalho, temos o julgamento do superior, dos colegas, dos concorrentes, e há muito em jogo, a construção da identidade de quem fala, a imagem que projeta perante as pessoas, a capacidade de se manter, em alguns casos, naquele emprego, e daí a importância do preparo e consequente busca por referências do que é o falar bem em público.

As palestras TED se tornaram referência em algo desafiador para a maioria e o livro se propõe a compartilhar sua metodologia, o que pode ser útil como um prescrito a servir de base para um primeiro passo no desenvolvimento de um apresentador ou palestrante dos sonhos. No entanto, é importante evitar simplificações indevidas e levar sempre em consideração toda a complexidade que há por trás desta atividade que, não à toa, é o maior pesadelo de muitas pessoas.

Referências

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (2010) *Trabalho & Ergologia: conversas sobre atividade humana*. Niterói: EdUFF.